

# O TEMPO PASSA O TEMPO TODO...<sup>1</sup>

José Antônio de Ávila Sacramento

*Em memória do relojoeiro Júlio Mângia da Silva (1931-1986)*

No ano de 1952 o físico alemão Winfried Otto Schumann (1888-1974) predisse que o planeta terra é cercado por um forte campo eletromagnético, situado do solo até cerca de 100 km acima de nós e com ressonância magnética de 7,83 pulsações/segundo. Esta teoria ficou conhecida como “Ressonância Schumann”. As tais ondas estacionárias terrestres seriam as responsáveis pelo equilíbrio dos ecossistemas existentes no planeta, pois o cérebro humano e o de todos vertebrados funcionam também na frequência de 7,83. Acredita-se que a tal frequência, nos anos 1980 e 1990, foi alterada para 11 e, depois, para 13 hertz/segundo.

Leonardo Boff já escreveu sobre isto no Jornal do Brasil, em artigo publicado na edição de 05 de março de 2004. Angustiava a Boff que “não apenas as pessoas mais idosas, mas também jovens fazem a experiência de que tudo está se acelerando excessivamente. Ontem foi Carnaval, dentro de pouco será Páscoa, mais um pouco, Natal”. E o *Teólogo da Libertação* perguntava: “Esse sentimento é ilusório ou tem base real?”. Acredita-se que os seres vivos não podem ser saudáveis fora da referida frequência e uma prova do fato é que “sempre que os astronautas, em razão das viagens espaciais, ficavam fora da ressonância Schumann, adoeciam. Mas submetidos à ação de um simulador Schumann recuperavam o equilíbrio e a saúde”. Boff comentou ainda, que em face desta alteração frequencial “desequilíbrios ecológicos se fizeram sentir: perturbações climáticas, maior atividade dos vulcões, crescimento de tensões e conflitos no mundo e aumento geral de comportamentos desviantes nas pessoas, entre outros. Devido à aceleração geral, a jornada de 24 horas, na verdade, é somente de 16 horas. Portanto, a percepção de que tudo está passando rápido demais não é ilusória, mas teria base real nesse transtorno da ressonância Schumann”. Boff fez ainda a seguinte advertência: “apenas ênfase a tese recorrente entre grandes cosmólogos e biólogos de que a Terra é, efetivamente, um superorganismo vivo, de que Terra e humanidade formamos uma única entidade, como os astronautas testemunham de suas naves espaciais. Nós, seres humanos, somos Terra que sente, pensa, ama e venera. Porque somos isso, possuímos a mesma natureza bioelétrica e estamos envolvidos pelas mesmas ondas ressonantes Schumann”.

Este escriba não tem formação em física; pelo contrário, parece que as ciências exatas nunca combinam muito bem comigo desde os tempos do grupo escolar. Mesmo assim ousei comentar subjetivamente alguma coisa sobre a teoria schumanniana, pois me chamou a atenção de modo especial uma frase do artigo de Leonardo Boff: “devido à aceleração geral, a jornada de 24 horas, na verdade,

---

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado originalmente no JORNAL DE MINAS (São João del-Rei, Edição nº 112, Ano IX, 04 a 10.12.2009, página 2 - Opinião), editado e distribuído por Neudon Bosco Barbosa.

é somente de 16 horas”. Será que os relógios estão trabalhando em frequências também superiores e nós ainda não conseguimos notar isto? O tempo está passando aparentemente muito mais rápido e a gente já não encontra tempo suficiente para fazer tudo o que deseja. Quem sabe estamos contando as vinte e quatro horas que os mostradores dos relógios registram, mas temos à nossa disposição apenas dezesseis? Será que nos subtraíram 8 horas?

Não sei se o postulado de Schumann satisfaz a critérios científicos e se frei Boff está certo ou não. Mesmo que ambos estejam errados, a “Ressonância de Schumann” pode ser uma boa alegoria para justificar a afobação dos dias atuais. No meu caso, de quebra, ainda rendeu subsídios para escrever o artigo que ora dedico ao melhor relojoeiro que já vi atuar nesta terra, homem honrado, marido e pai exemplares, vindo lá das bandas de Piedade do Rio Grande e que prestou seus bons serviços na antiga e extinta Ótica Costa; Sr. Julinho foi exímio violonista, desenhava e também se aventurava pela arte culinária, além de ser um contador de causos da maior supimpitude!

O que sei sobre o Tempo é que todos nós estamos muito apressados; sem ter como fazer todas as nossas coisas, apresentamo-nos em correrias desatinadas e sem poder parar dar um “dedinho-de-prosa”. Os membros das famílias já não encontram tempo livre para assentarem-se e conversarem juntos. O salutar hábito de visitar os parentes, os amigos, os compadres e as comadres parece cada vez menos freqüente. Tem gente que não tem tempo nem para responder a um e-mail (quem dirá para escrever uma carta?). O tempo para ler um livro parece ter acabado. Pousar nas casas alheias, um costume da zona rural, já nos é quase impossível. E assim a vida vai passando e o que é bom vai deixando de ser aproveitado. Atualmente temos à nossa disposição aviões e carros velozes, a internet, os telefones fixos ou móveis e uma parafernália de comunicação imediata em expansão. Mas o tempo parece que está minguando a cada dia. E com isto, vem aquela sensação de angústia, bate uma ansiedade de que não vamos dar conta de corresponder às expectativas das nossas obrigações caberem nas breves 24 horas do dia; daí aparece um temor antecipado das conseqüências de não conseguir cumprir à risca os afazeres e os horários. Estamos vivendo estressados, sob o signo da velocidade e possuídos pela síndrome da falta de tempo.

Todos estão açodados. Estamos também quase sempre atrasados e desperdiçamos cada vez mais tempo com a impontualidade que grassa nos horários dos nossos compromissos. Um provérbio inglês adverte-nos para o fato de que “a pontualidade é cortesia dos Reis e obrigação dos educados”. Atualmente quase não temos mais Reis; mas, em compensação, estamos cada vez menos educados com relação aos cumprimentos dos horários. Observar os horários é sinal de responsabilidade, de seriedade e é um capricho que deveríamos cultivar em contraposição aos cada vez mais enraizados vícios dos atrasos. Neste ponto, ainda temos de aprender com os ingleses e com os suíços: os primeiros, pela tradição da “pontualidade britânica”; os segundos, pela precisão dos relógios que fabricam.

A nossa realidade é de tradicional desrespeito à pontualidade; os horários não são cumpridos, atrasos de meia hora são tolerados e tidos como comuns. A pontualidade aqui na “Terra Papagalli” não é levada a sério. Se o almoço está marcado para as 12h, será estrategicamente servido a partir das 13h, porque ninguém aparece na hora certa. Se a reunião de trabalho é marcada para

8h30min, começará após as 9 horas. Se for agendado um encontro às 20h, os envolvidos chegam às 21h. Aí, começa todo mundo ficar atrasado e usar a justificativa de que nada começa mesmo na hora certa, e os atrasos vão gerando atrasos, como sói acontecer...

Para deleitamento dos leitores, apresentar-lhes-ei uma historietta: um padre recebia convidados para o jantar comemorativo de suas bodas de prata na condução da paróquia de uma cidadezinha. O prefeito da cidade, como não podia deixar de acontecer, foi convidado; seria ele quem entregaria uma lembrança ao vigário e faria um discurso tipo “joga confetes”. Mas o alcaide conseguiu atrasar-se tanto que o padre não agüentou mais esperá-lo e autorizou o início do ato. Salão paroquial cheio de gente, o padre tomou a palavra: “meus queridos paroquianos, quando cheguei nesta cidade, há 25 anos, tive a impressão de que o sr. Bispo queria até me castigar, pois achei que ele me mandou para um lugar muito assustador. A primeira confissão que ouvi aqui nesta terra foi a de uma pessoa que furtava dinheiro dos pais, roubava a empresa onde trabalhava, mantinha relações espúrias e na relação dos sete pecados capitais não escapava a nenhum deles. Àquela época eu, ainda jovem, fiquei muito assustado... Mas, com o passar dos dias e dos anos, fui conhecendo melhor as pessoas daqui e notei que o dito cidadão era um caso isolado; ninguém por aqui se assemelhava àquele desastrado pecador. Aos poucos, descobri que esta é uma terra de gente mui responsável, valorosa, generosa e cheia de fé; é desta forma que vivi aqui, com felicidade, os meus 25 anos de sacerdócio! Estou pronto para viver mais 25 anos, se o sr. Bispo e o meu bom Deus assim o permitirem. Muito obrigado e que Deus abençoe a nós todos!”. Soaram palmas efusivas para o curto discurso do reverendo... Neste exato momento chegou o esbaforido prefeito. Antes de entregar o presente da comunidade ao padre, pediu desculpas pelo atraso e começou a sapecar o seu discurso laudatório: “eu nunca vou esquecer do dia em que o padre chegou à nossa paróquia! Como poderia? Tive a honra de ser o primeiro cidadão desta cidade a me confessar com ele...”. O espanto foi geral e o constrangimento tomou conta do ambiente. Até hoje não sei do final da história e nem fiquei sabendo se o prefeito entregou o presente ou conseguiu desvencilhar-se bem da situação. Mas quem mandou chegar atrasado? Bem feito! É por estas e por outras que a pontualidade deve ser sempre recomendável.

Então, eu que bem me esforço para cumprir meus horários e tenho andado um tanto quanto cansado de tolerar a tantos atrasos, não quero protelar a conclusão deste “lamurioso e breve ensaio sobre a teoria do tempo e a pontualidade”; finalizo-o com o conselho de Leonardo Boff que está no artigo já referenciado: “se queremos que a Terra reencontre seu equilíbrio, devemos começar por nós mesmos: fazer tudo sem estresse, com mais serenidade, com mais amor, que é uma energia essencialmente harmonizadora. Para isso importa termos coragem de ser anticultura dominante, que nos obriga a ser cada vez mais competitivos e efetivos. Precisamos respirar juntos com a Terra, para conspirar com ela pela paz.”.